



O USO DAS AFRICADAS [TCH] E [DJ] VERSUS FRICATIVAS [CH] E [J] NO FALAR DO QUILOMBO CAMPINA DE PEDRA EM POCONÉ- MT

THE USE OF AFRICADAS [TCH] AND [DJ] VERSUS
FRICATIVAS [CH] AND [J] DO NOT TALK ABOUT THE
QUILOMBO STONE CAMP IN POCONÉ-MT

Jocineide Macedo Karim
Universidade do Estado de Mato Grosso (jocineidekarim@yahoo.com.br)

Taisir Mahmudo Karim
Universidade do Estado de Mato Grosso (taisir@unemat.br)

Resumo: Esta pesquisa concentra-se na área da Sociolinguística tem por objetivo investigar usos linguísticos, as realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra, localizada na área rural da cidade de Poconé-MT. Na análise utilizamos um *corpus* composto por entrevistas. Nos resultados constatamos usos linguísticos que identificam o falar das regiões de Mato Grosso fundadas no período do Brasil-Colônia. Os resultados mostram a manutenção de traços antigos da língua portuguesa trazida pelos colonizadores que aqui entraram em contato linguístico com o falar dos povos indígenas e africanos daquela época.

Palavras-chave: Sociolinguística; Usos linguísticos; Comunidade Quilombola.

Abstract: *This research focuses on the area of Sociolinguistics to investigate linguistic uses, the African [tch] and [dj] versus fricative [ch] and [j] achievements in speaking about the quilombola community Campina de Pedra, located in the rural area of the city of Poconé-MT. In the analysis we used a corpus composed of interviews. In the results we find linguistic uses that identify the speaking of the regions of Mato Grosso founded in the period of Brazil-Cologne. The results show the maintenance of old traits of the Portuguese language brought by the colonizers who came into linguistic contact here with the indigenous and African peoples of that time.*

Keywords: *Sociolinguistics; Linguistic uses; Quilombola Community.*

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos descrever o uso das realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j], que ocorre no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra, localizada na área rural da cidade de Poconé em Mato Grosso. Além dessa descrição, pretendemos ainda fornecer informações que tornem possível o conhecimento da história, do modo de vida da comunidade e ainda compreender o comportamento social dos afrodescendentes em relação à variedade local, verificando suas avaliações e crenças a respeito de sua própria língua e de sua cultura.

A escolha desse tema justifica-se pelo fato de que atualmente na região Centro Oeste do Brasil existem 126 comunidades afrodescendentes remanescentes quilombolas, sendo 33 comunidades localizadas no Estado de Goiás, 22 comunidades no Estado de Mato Grosso do Sul e 71 comunidades no Estado de Mato Grosso, das quais há uma concentração de 28 comunidades que localizam-se na cidade de Poconé- MT.

Assim, em uma abordagem sincrônica, buscamos contribuir para a descrição do português falado nas comunidades quilombolas, bem como possibilitar o interesse para produções relacionadas às diversidades linguísticas, dessa região do Estado de Mato Grosso, de modo a colaborar para a divulgação do falar mato-grossense e, assim, contribuir para a descrição de uma variedade específica do português brasileiro, focalizando o dialeto mato-grossense.

Este estudo parte do pressuposto básico de que a comunidade afrodescendente remanescente quilombola pesquisada apresenta uma configuração sócio histórica distinta não apenas entre si, no Centro Oeste do Brasil, mas também em relação à outras comunidades desse tipo distribuídas pelo país.

Pode-se pressupor que a distância dos grandes centros e o isolamento geográfico tenha contribuído para a conservação dos costumes e tradições da

comunidade afro-brasileira em estudo, preservando um modo próprio de falar, embora não imune às mudanças decorrentes da dinamicidade inerente a toda língua.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste espaço apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa realizada na comunidade quilombola Campina de Pedra localizada no município de Poconé- MT. Apresentamos como se constitui o *corpus*, os critérios utilizados para a seleção dos participantes da pesquisa, o seu perfil sociocultural, como ocorreu a coleta de dados na comunidade e a transcrição dos dados para as análises rodadas no *GoldVarb X*.

O *corpus* analisado nesta pesquisa foi constituído a partir de entrevistas realizadas conforme as sugestões de Labov (1972); Tarallo (1997); Macedo-Karim (2012) e Souza (2015). Foram entrevistados seis habitantes nativos da comunidade quilombola Campina de Pedra. Os participantes da pesquisa têm a linguagem estabilizada, se distribuem em duas faixas-etárias: a primeira, de 18 anos a 48 anos (adultos mais novos) e, a segunda, acima de 55 anos (adultos mais velhos). Essa escolha se justifica pelo fato de que nessas faixas-etárias os falantes apresentam um comportamento definido em relação à linguagem.

Foram entrevistados seis participantes, dos quais quatro do sexo feminino, duas pessoas de cada faixa etária. Os participantes do sexo masculino são apenas dois da segunda faixa etária, pois os adultos mais jovens estão vivendo fora do quilombo desenvolvendo atividades de trabalho na capital, Cuiabá.

1.1 Critérios de seleção do participante da pesquisa

Para a definição da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios: a) que os participantes da pesquisa e seus pais tenham nascido na cidade Poconé; b) que tenham linguagem estabilizada, e se distribua em duas faixas-etárias: de 18 anos a 48 anos e acima de 55 anos; c) com escolaridade desde nenhum grau de escolaridade até o Ensino Médio.

A seguir apresentamos a Tabela 1, com o perfil sociocultural dos participantes desta pesquisa. Nessa tabela, há o código do participante, na primeira coluna, assim temos: a letra M (equivale ao participante do sexo masculino); a letra F (representa participante do sexo feminino); os números que

seguem após as letras (M/F) são a idade do participante e o nível de escolaridade (o número 1, equivale ao nível Fundamental; o número 2 equivale ao nível Médio), e a letra S (representa sem escolaridade).

Tabela 1: Perfil sociocultural dos participantes da pesquisa

Código	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade	Religião
M551	Masculino	55 anos	4º Ano	Lavrador	Católico
M701	Masculino	70 anos	1º Ano	Produtor de rapadura	Católico
F481	Feminino	48 anos	4º Ano	Dona de casa	Católica
F741	Feminino	74 anos	2º Ano	Dona de casa e produtora de queijo	Católica
F322	Feminino	32 anos	Ensino Fundamental	Dona de casa	Católica
F97S	Feminino	97 anos	Sem escolaridade	Dona de casa	Católica

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesta pesquisa, a variável dependente foi constituída por realizações africadas *versus* fricativas. Já as variáveis independentes são: segmento antecedido por vogal, segmento antecedido por consoante, vocábulo monossílabo, vocábulo dissílabo, vocábulo com três ou mais sílabas. Consideramos ainda os fatores extralinguísticos: idade, sexo e o grau de escolaridade dos entrevistados, fatores que se mostram relevantes nos estudos sociolinguísticos, com o interesse em observar se tais fatores indicam diferenças no uso linguístico em estudo, vinculadas a essas variáveis sociais. Também nos interessamos em saber: qual é o comportamento dos entrevistados em relação ao seu falar? Eles seguem a mesma direção dos mais escolarizados de áreas urbanas? Ou seja, procuram uniformizar a fala seguindo a norma padrão ou, ao contrário, mostram atitudes diferentes que valorizam a norma local?

Nesse aspecto do comportamento social, Labov considera que:

Como forma de comportamento social, a língua naturalmente é de interesse para o sociólogo. Mas a língua pode ter uma utilidade especial para o sociólogo como o indicador sensível de muitos outros processos sociais. A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a

posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social. (LABOV, 2008, p. 140).

Considerando a citação acima é que observamos o comportamento da comunidade quilombola Campina de Pedra, sobre o seu falar e ainda sobre os aspectos culturais.

1.2 A coleta de dados na comunidade Campina de Pedra

Antes da realização desta pesquisa elaboramos o processo de autorização que tramitou no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso, aprovado pelo Comitê– CEP/UNEMAT, conforme parecer número 1.852.924, datado em 06/12/2016.

A partir dessa autorização pelo Comitê de Ética, seguimos os ensinamentos de Labov (1972) sobre a coleta de dados. Buscou-se facilitar a nossa entrada na comunidade por meio de uma pessoa com acesso à comunidade, a Diretora da Escola Estadual Dr. José Rodrigues Fontes, membro do *Grupo de Estudos para a Educação das Relações Étnico Raciais-GEPRER*.

Na conversa com a diretora, apresentamos o projeto, o objetivo do estudo e descrevemos o perfil sociocultural do participante que se pretendia entrevistar. Ela se dispôs a nos auxiliar, facilitando nossa entrada na comunidade. Após o contato via telefone com a liderança da comunidade quilombola, obtivemos a autorização para a realização de nosso estudo na comunidade.

No dia 23 de fevereiro de 2017, às 7 horas da manhã, reunimos a equipe e percorremos em torno de 140 km, da cidade de Cáceres até a comunidade quilombola Campina de Pedra, em Poconé, para a realização das entrevistas com os habitantes da comunidade. No primeiro momento, observamos se o perfil do participante estava de acordo com os critérios pré-estabelecidos e se a pessoa aceitava participar da pesquisa, assinando o TCLE¹. No caso de resposta positiva, perguntávamos se o horário estava adequado para a entrevista e realizávamos a leitura do termo.

Iniciamos as entrevistas por meio de conversas informais sobre diversos assuntos, por exemplo: a família, o trabalho, a formação da comunidade, o que de certa forma, rompia com a formalidade da entrevista, deixando o participante mais à vontade. De acordo com Labov, uma maneira de superar o paradoxo do

¹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

observador “é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (LABOV, 2008, p. 244-245).

Nessa conversa inicial justificávamos a realização do estudo, dizendo que tínhamos interesse em saber como ocorreu a formação da comunidade, além de conhecer alguns aspectos da cultura e do falar dos informantes nativos dessa localidade. Dessa maneira, as entrevistas no geral ocorreram de modo informal, já que o objetivo era gravar a fala espontânea, o vernáculo da comunidade.

Logo após essa conversa, preenchíamos a ficha do participante com seus dados pessoais: nome, idade, sexo, naturalidade, estado civil, naturalidade da (o) esposa (o) escolaridade, profissão, endereço, religião, etc. Na sequência passamos para o segundo momento e aplicávamos o questionário com o roteiro da entrevista. O questionário contém 41 perguntas elaboradas com o propósito de abarcar aspectos linguísticos e culturais da comunidade, distribuídas em quatro temas: (1) A comunidade quilombola *Campina de Pedra*; (2) A cultura na comunidade; (3) O falar da comunidade; (4) As pessoas de fora da comunidade.

1.3 A transcrição dos dados para a análise

De um modo geral, os participantes da pesquisa se mostraram bastante receptivos, interessados em responder às perguntas. No caso de não compreensão da pergunta, refazíamos a questão – conseguíamos a resposta, ou passávamos para a próxima pergunta.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital da marca Sony IC Recorder ICD-P620, totalizando aproximadamente 6h de gravações transferidas para o programa de computador Digital Voice Sony e transcritas. Nesse material foram selecionados os dados para a análise.

Na transcrição das entrevistas, utilizamos o padrão sugerido por Marcuschi (1998), Cintra (1992), Macedo-Karim (2004; 2012). O levantamento dos usos linguísticos foi realizado diretamente na transcrição grafemática das entrevistas, em que procuramos preservar tanto quanto possível a produção real, ou seja, a forma falada pelo participante. Os procedimentos de transcrição e revisão do material foram salvos em um arquivo (Word/2011), utilizado tanto para o levantamento dos usos linguísticos quanto para identificar o comportamento do participante em referência aos aspectos linguísticos e culturais da localidade.

2 A COMUNIDADE QUILOMBOLA EM MATO GROSSO

A entrada dos africanos em Mato Grosso deu-se, principalmente entre 1755 e 1778, durante a vigência da Companhia Geral de Comércio Grão-Pará e Maranhão. De acordo com a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira essa Companhia foi criada para movimentar o comércio entre a Praça de Belém do Pará e a Praça de Vila Bela, usando o caminho do rio Amazonas, passando pelos rios Mamoré e Madeira, localizadas atualmente no Estado de Rondônia, à sua margem estava instalada a Vila Capital de Cuiabá em Mato Grosso. A rota transatlântica de africanos cativos para o Grão-Pará e Maranhão, despachou 4.917 escravos para Vila Bela da Santíssima Trindade, com entrada de negros vindos de Guiné – Cachêu e Bissau – em segundo lugar Angola. Segundo a autora possivelmente são essas as origens africanas que adentraram nossa região, o atual Estado de Mato Grosso.

Segundo os relatos da historiadora Elizabeth Madureira Siqueira (2002, p. 120), nos primeiros tempos da mineração, ainda quando ela se restringia às minas de Cuiabá, o número de escravos já era significativo. Quando instalada em 1751, a capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, esse número dobrou. A autora relata que o Marquês de Pombal, no período do Brasil-Colônia, manteve um comércio regular entre o Brasil, Portugal e a África. Levando-se em conta que o escravo africano constituía o símbolo de riqueza e poder dos colonizadores, muitos deles vindos da Europa, adquiriam os escravos africanos para o desenvolvimento dos trabalhos na mineração, agricultura e serviços domésticos.

Nos Séculos XVIII e XIX havia o pensamento de que o homem branco colonizador não poderia desenvolver atividades braçais; assim, cabia aos escravos africanos exercer tais atividades. Esse pensamento foi dominante durante todo o Período Colonial e Imperial. Desse modo, os africanos escravizados simbolizavam o poder, a riqueza de um colonizador. Quanto maior o número de escravos, mais importante seria o colonizador.

Os escravos tinham denominações diferenciadas. Os chamados escravos de *eito* eram os ligados diretamente ao sistema produtivo, exerciam atividades diversas, que iam desde os trabalhos de mineração, passando pelos agrícolas como, o plantio de feijão, milho, café, mandioca e cana-de-açúcar, feitura de toucinho, condução de tropas, cargueiros e carretos. Os escravos denominados de *ganho* residiam nas cidades, muitos senhores utilizavam esses escravos para comercializar, nos centros urbanos, a sua produção. Por outras vezes, alugavam-nos a outrem, a fim de servirem de vendedores aos pequenos comerciantes. Já os

escravos denominados de *domésticos* eram aqueles que se dedicavam exclusivamente às tarefas da casa dos senhores.

O tratamento dispensado aos escravos de eito, de ganho e os domésticos era severo; eles eram considerados como uma mercadoria, e tratados com extrema violência. Por qualquer motivo passavam por espancamentos e, em caso de reincidência, o escravo era amarrado em tronco e surrado, muitas vezes até a morte.

Siqueira (2002, p. 122) relata que foi devido a esses maus tratos e ao desrespeito como eram tratados que surgiram reações, marcadas por assassinatos de feitores, de trabalhadores livres brancos e até mesmo de senhores. Também era devido aos intensos castigos corporais e morais, que os escravos fugiam para locais distantes, quase inacessíveis, chamados de quilombos², onde se encontravam com seus irmãos de destino. Nesses lugares se refugiava uma população variada – negra, índia e branca pobre – que, fugindo à opressão sofrida, optavam por viver livremente. Esses fugitivos denominavam-se de quilombolas³.

Sobre os quilombos, Siqueira argumenta que, em Mato Grosso, assim como em todo o Brasil, o número de quilombos foi grande. O mais famoso deles foi denominado Piolho ou Quariterê, localizado na região do rio Guaporé, próximo ao rio Piolho, fundado entre os anos de 1770/1771. Seus habitantes eram negros escravizados, índios, crioulos e caburés⁴. Governava o Quilombo Piolho a rainha Tereza de Benguela, viúva de José Piolho, antigo rei, falecido antes da destruição do quilombo.

Naquela época os regentes que governavam essa região resolveram capturar os escravos fugitivos, pois, a cada dia, os espaços da coroa Portuguesa tornavam despovoado devido às constantes fugas dos escravos. Assim, eles organizaram uma bandeira para recapturar os quilombolas, sob o comando do sargento-mor João Leme do Prado, que partindo com 30 homens da antiga capital Vila Bela da Santíssima Trindade, chegaram ao Quilombo Piolho. Quando a bandeira atacou o quilombo, a rainha Tereza de Benguela, vendo a derrota e a morte traiçoeira de seus amigos, caiu em profunda tristeza, vindo a falecer logo

² Em CUNHA (2010, p. 540) Quilombo deriva do Quimbundo Ki'lomo 'povoação.

³ Em CUNHA (2010, p. 540) Quilombola designação comum aos escravos refugiados em Quilombos 1855.

⁴ Conforme HOUAISS (2009), essa palavra é datada de 1578. Significa 1. Mestiço de negro com índio, cafuzo; 2. Mestiço de branco com índio, caboclo e 3. Habitante da roça; caipira, caboré.

após o retorno da bandeira a Vila Bela. Os negros capturados foram reunidos em praça pública e colocados à disposição de seus senhores.

A historiadora Siqueira (2002, p. 123) conta ainda que o capitão-general de Mato Grosso, João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, preocupado com a formação de novos quilombos no rio Piolho, resolveu criar uma aldeia no exato lugar onde, antes, existia o Quilombo Piolho. Para isso, o capitão-general, libertou vários casais de velhos escravos e os enviou para residirem naquela localidade. Esse lugar recebeu o nome de Aldeia Carlota, em homenagem à rainha de Portugal, D. Carlota Joaquina.

Nos relatos da pesquisadora consta que outros quilombos foram erguidos em Mato Grosso, na região da Chapada dos Guimarães, fato que ficou conhecido desde 1850, quando, nessa região, foram formadas muitas fazendas, com engenhos, as quais precisavam de muita mão de obra escrava africana. Um dos quilombos importantes dessa região, denominado de Cansação, localizado às margens direita do rio Manso, ao pé da Serra Azul, na estrada de Paranatinga.

No final da década de 1870 os quilombos da região da Chapada dos Guimarães foram severamente perseguidos e os quilombolas, quando aprisionados, foram forçados pelas autoridades a dar informações sobre os pontos de concentração de resistência de outros escravos. Contudo, mesmo alguns dos quilombos tendo sofrido perseguições e até mesmo destruição total, sua multiplicação no território mato-grossense foi uma realidade. Esse fenômeno social marcou de uma forma que não se pode apagar da história a reação dos escravos, da camada mais pobre da sociedade, pois os quilombos não surgiram apenas como espaço de refúgio, mas como espaço conquistado, de resistência de um povo que passava por muito sofrimento, discriminação, desrespeito e eram excluídos.

Dando um salto na história, passamos para a atualidade dos quilombos do Estado de Mato Grosso, citando Santos, que relata:

Os Quilombos em Mato Grosso, historicamente em sua composição populacional, foram caracterizados pela presença de negros vindos de variadas as partes do país em diversas situações que não somente na condição de escravizados, mas também de alforriados que preferiram viver nas regiões de quilombos: comunidades negras rurais, formadas por ex-escravos e libertos. Esses quilombos se constituíram de terras compradas por irmandades, terras abandonadas pelos grandes proprietários, terras de santo, terras herdadas dos senhores e por produto do antigo sistema de sesmaria.

As movimentações em busca do reconhecimento dos direitos territoriais das terras de quilombos revelam a amplitude das lutas dos negros no estado de Mato Grosso pelo direito de posse das áreas remanescentes.

Tal qual em outras partes do país, o processo de regularização dos quilombos não é simples. Essa luta está em meio a forças políticas que tornaram essas áreas alvos de projetos hidrelétricos, madeireiros agro-negócio entre outros, em decorrência da intensificação do processo de mecanização do campo e expansão do capitalismo.

As comunidades negras são marcadas pela luta e resistência pela valorização e preservação de sua cultura, que abarca um patrimônio material e imaterial. (SANTOS, 2009, p. 45-46).

O importante relato de Santos sobre a caracterização das comunidades negras, sua luta e resistência marca um novo período de resistência dessa população. Segundo o site oficial⁵ do Estado brasileiro, a Fundação Cultural Palmares, expediu Certidões às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQS) atualizadas até a portaria nº- 104/2016, publicada no dou de 20/05/2016.

De acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, uma comunidade pode ser considerada quilombola quando é remanescente de “comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Nesse sentido, a caracterização da comunidade deve ser atestada mediante auto definição da própria comunidade. Assim, a comunidade deve ter consciência de sua identidade coletiva, e saber do parâmetro principal que todo o grupo utilizou em sua história, na construção da identidade coletiva.

Desse modo, uma comunidade quilombola deve conhecer sua história, saber do seu legado ancestral e de sua hereditariedade negra, além de saber do histórico de resistência e opressão sofrida pelo grupo desde o período escravagista até a atualidade.

Segundo informações do site do INCRA⁶ a comunidade Quilombola “precisa ter um vínculo histórico próprio, apresentando características sociológicas comuns, no parentesco, na organização social, nas atividades produtivas e reprodutivas, etc.”. E essas características são comuns ao grupo de

⁵ Fundação Cultural Palmares. Comunidades certificadas.
www.palmares.gov.br/up.content/uploads/2016/06/comunidades_certificadas:
Acesso: 10/10/2016.

⁶ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-andamentoprocessos-quilombolas_quadrogeral.pdf. Acesso: 11/11/2016.

peças que os tornam uma comunidade. Uma comunidade afrodescendente precisa ainda apresentar relações territoriais específicas, pois é o vínculo com o território que os membros da comunidade têm que constitui no fato social total que, ao lado de todas estas outras características, constituem uma comunidade afrodescendente.

2.1 Comunidade quilombola campina de pedra em poconé

A escolha pela comunidade quilombola Campina de Pedra ocorreu durante a pesquisa bibliográfica sobre os quilombos do Estado de Mato Grosso, com base na tese de doutorado de Almeida (2012) sobre as práticas cotidianas e a construção da cidadania na comunidade quilombola *Campina de Pedra* em Poconé-MT. O pesquisador descreveu a comunidade e explicou sobre sua localização; além disso, informou o número de habitantes e sua luta para permanecer na terra.

Na composição étnico-racial da comunidade Campina de Pedra há uma maioria de pessoas remanescentes quilombolas, mestiços, indígenas e brancos. A partir da leitura cuidadosa da tese surgiu o nosso interesse em pesquisar a variação linguística nessa comunidade, pois as famílias da localidade tinham os critérios pré-estabelecidos para o desenvolvimento desta pesquisa sobre a variação linguística e os aspectos socioculturais esperados.

Na entrevista realizada com líder da comunidade no dia 23 de fevereiro de 2017, constatamos que há 26 (vinte e seis) famílias que moram na Comunidade Quilombola *Campina de Pedra*. Observemos o relato do líder da comunidade:

[...] a comunidade hoje aqui...vou falá o que peitence...o que peitence a comunidade hoje são quarenta e duas famílias... mais...quem mora aqui é só vinte e seis...peitence assim...porque na demarcação do território que o INCRA fez o levantamento são quarenta e duas famílias cadastrada.(M551).

Segundo o site do INCRA, a Denominação do Imóvel está registrada no Processo SR-13/MT 54240.005272/2005-15 e nele consta a localização da Comunidade Campina de Pedra, com uma área de 1.779,8089 ha, (um mil, setecentos e setenta e nove hectares, oitenta ares e oitenta e nove centiares), com o início na faixa da Rodovia Estadual MT-451 e segue pela faixa da rodovia sentido BR-070-MT-060, e faz divisa com várias terras.

Em relação à área da localidade o líder da Comunidade Campina de Pedra relatou que algumas famílias cadastradas no INCRA têm o direito à terra, mas saíram da comunidade para outros lugares à procura de escola, trabalho e de melhores condições de vida, situação que não está muito fácil de resolver. Observemos o que diz um quilombola entrevistado, ele tem 70 anos é produtor de rapadura:

[...] a num deveria mudar nada não...tem várias pessoas da família que mudô pra cidade tá hodje tá piô do que nós...aqui tá bom...porque o mato pra nós é lucro né... cê pranta cana ...banana...o que pranta coié...lá na cidade é só comprano se não tivê dinheiro não compra né... aí tem que comê uma vez por dia...e aqui não. (M70S)⁷.

Pelo depoimento apresentado observamos que não está fácil garantir a sobrevivência fora do quilombo. Os quilombolas que saem de suas terras em busca de escola e trabalhos acabam enfrentando dificuldades ainda maiores, pois não encontram trabalho fora da área dos serviços gerais e, desse modo, dificultam ainda mais o sustento da família; além disso, na cidade não há o espaço para plantar e colher os alimentos que estavam acostumados a ter na comunidade quilombola.

Em relação à educação escolar/ observamos, por meio dos depoimentos dos quilombolas, que existe muita dificuldade, pois a comunidade já contou com uma escola denominada Escola Municipal Benedito Mendes Gonçalves⁸, que funcionava de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. Hoje a escola não funciona por ter apenas cinco alunos para cursar esse nível escolar, e a Secretaria de Educação Municipal exigir o mínimo de oito alunos. Desse modo, os estudantes quilombolas estão se deslocando diariamente para a comunidade do *Chumbo* desde as crianças da alfabetização até os que cursam o Ensino Médio.

A educação é uma das necessidades básicas de toda comunidade, e quando não há escola na comunidade a vida dos estudantes é dificultada, como podemos observar no relato de uma mãe quilombola da comunidade: “nóis não temos... iscola pras crianças...tinha até o ano passado fechô a iscola agora meus filhos vão istudá no Chumbo...né ... assim é um pouco de dificuldade” (F322).

⁷ Código de identificação do quilombola entrevistado.

⁸ Nome do fundador da comunidade e avô do líder entrevistado.

Santos (2009, p. 59) relata que é grande a luta da comunidade quilombola Campina de Pedra para garantir sua permanência na terra. Vejamos o que disse uma professora afrodescendente sobre esse assunto:

A nossa comunidade está situada no município de Poconé há mais de 150 anos, nas terras denominadas 'Cachoeira'. Com o passar dos anos e com a chegada de grandes fazendeiros na região, nossos antepassados viram-se obrigados a vender os 1.211 hectares, passando a morar em apenas 90 hectares de terra na localidade denominada 'Povo do Mato', isso por volta dos anos 40... Mais tarde, essa localidade passou a denominar-se Campina de Pedra." (SANTOS, 2009, p.59).

Observamos ainda no relato da professora que a luta da comunidade pelas terras tem mais 150 anos, quando chegaram os grandes fazendeiros na região, atualmente eles continuam lutando por melhores condições de educação escolar e trabalho.

Percebe-se ainda que em relação aos aspectos de infraestrutura da comunidade, ocorreram alguns avanços como a instalação de água encanada e da energia elétrica, a comunidade *Campina de Pedra* foi uma das primeiras a receber a energia elétrica rural do Governo Federal. A instalação da energia iniciou no ano 1980 e foi concluída em 2009, com o Programa do Governo Federal "Luz para todos", do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. A instalação da energia elétrica foi importante para a comunidade, pois facilitou as condições de trabalho e a vida dos quilombolas com a aquisição do engenho elétrico e também adquiriram eletrodomésticos como: geladeira, máquina de lavar roupas. Além disso, adquiriram os meios de comunicação: o rádio e a televisão.

Sobre essa aquisição, Almeida (2012, p. 14) relata o seguinte: "com isso, as informações veiculadas pela mídia passaram a contribuir para pautar as conversas e o diálogo dos moradores, além de dinamizar as formas de participação no espaço comunitário".

Os moradores da comunidade adquiriram a prática diária de ouvir o rádio e assistir à televisão; desse modo, eles diversificam as conversas na comunidade e se mantêm informados sobre os acontecimentos que ocorrem no âmbito regional nacional e até internacional, observam outros padrões culturais, que podem ser incorporados pelos habitantes, especialmente os mais jovens. A incorporação de outros padrões traz transformações no modo de falar e de viver da comunidade. Foi o que aparentemente percebemos, no caso de os

mais jovens de 18 a 36 anos, do sexo masculino, que estão morando na capital Cuiabá.

As famílias da comunidade quilombola Campina de Pedra mantêm seu sustento, com a produção agrícola, com o plantio de cana-de-açúcar, milho, banana e a criação de gado. A comunidade possui engenho elétrico para a produção de açúcar mascavo, rapadura, melaço e balas de banana que são comercializadas nos mercados na cidade de Poconé. Observamos que o trabalho da produção de rapadura é pesado, porém os quilombolas não reclamam dessa tarefa eles têm satisfação em desenvolver seus trabalhos e não se lastimam pela condição de produção.

Em relação aos aspectos culturais da comunidade Campina de Pedra, constatamos que são os manifestos que ocorrem de diferentes formas: nas crenças e devoções aos santos protetores das pessoas da comunidade, nas festas que os moradores realizam em homenagem aos santos como São Sebastião, São Benedito, Jesus Maria e José. Essa devoção retrata o fortalecimento da fé e da cultura das famílias da localidade. Como podemos constatar nas respostas dadas pelos quilombolas em relação à seguinte indagação: Quais santos vocês homenageiam? E quando?

(1) Eh San Sebastion... aqui memo por inquanto aqui memo no arraiá aqui este fazia São Binidito.. São Bento... mas só que pararo de fazê a festa porque o dono que fazia a festa morreu né... ai os fios atcho que ficô muito pesado ai tem outro minino que fica doente de pé mas ele faz pra Santa Luzia. Meu sogro era San Sebastion e eu também tenho meu santo que é San Sebastion eu também tenho o santo San Sebastion... peraí que eu fez uma pomessa oi meu San Sebastion...eu fez essa pomessa que eu num tinha que eu vivia com uma dor na barriga que quando vinha mesturação pra mim eu desmaiava né ai eu fez... pidi pra San Sebastion num deixasse eu...que cortasse a dor na barriga que troquei. Aqui meu sogro faz festa San Sebastion, meu cunhado faz festa San Sebastion. (F74S).

(2) São Sebastião que é 20 de Janeiro né... já passou a festa né...ai tem São Benedito né que meu tio faz lá... e Jesus Maria José que a outra minha tia faz lá em agosto. (F322).

(3) São Sebastion...eu faço urtimo sábado e domingo de Djuho...festa antiga do meu bisavô. (M70S).

Sobre as manifestações culturais nas rezas realizadas em homenagem aos santos de devoção há o momento reservado ao cururu e siriri, danças típicas

que os moradores da comunidade mantêm como um ritual. Observemos o que diz os informantes entrevistados em relação ao seguinte questionamento: Quais tradições da comunidade fazem parte da sua vida (as danças, as comidas, as rezas)?

(4) Tudo...aqui cánta...dANÇA cururu...baile. Eu só difícil dança eu num quento.. mas oh! escuta aqui...esse povo dança por demais dança dia inteiro...dança mês de djulho..vinte sete pa vinte oito de djulho.(F741).

(5) Cánta... dança... toda quando sempre tem as festas né. (F322).

(6) Uaí o siriri quando tem assim arguma apresentaçõn.(M70S).

(7) DANÇA...comida...reza... se a festa começa sábado só termina segunda feira. (F70S).

(8) Tudo...dANÇO...comida... eu dANÇO...sou eu que faço a parte do siriri é eu...que bato o siriri eu e Teófilo que tira a reza.(F481).

Em todas as respostas dos entrevistados observam-se reações positivas em relação às manifestações culturais da comunidade Campina de Pedra.

2.2 Realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] no falar do quilombo campina de pedra

Na comunidade quilombola Campina de Pedra observam-se variantes linguísticas, o uso das realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] que aparentemente são utilizadas na região sudoeste do Estado de Mato Grosso.

A seguir destacam-se usos linguísticos que identificam o falar da comunidade em estudo são fragmentos destacados do *corpus* selecionado para análise:

(9) gosto de reunião de grupo a dgente participa tudo. (M701).

(10) o positivo que a dgente gosta daqui né... nasceu e criô não pode saí... saí pra quê? pra num tê lucro. (M701).

(11) a num deveria mudá nada não...tem várias pessoas da família que mudô pra cidade... tá hodje...tá piô do que nós. (M701).

(12) tem é manual né...mas... ainda não tchegô de funcioná...mas um dia ele tchega né... que a esperança é a última. (M701).

(13) oia dois anos atrás começô adjudá. (M701).

(14) primeiro quem mudô foi meu tio...quando nós tcheguemos pra cá. (M701).

(15) atcha diferente... agora as coisa que eu falo a turma me remenda...diz que tô falano errado.(M701).

(16) o marido dele tchamava Djuliano...o Djuliano djá morreu o meu irmon tchamava Urbano também djá morreu a muié tamém djá morreu...dele tchamava Sebastiana...agora só subrinhada. (F975).

As realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] existentes no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra, também foram constatadas no falar da cidade de Cuiabá e Cáceres. Em Macedo-Karim (2012), apresenta-se esse mesmo uso linguístico com o registro de discussões de vários teóricos sobre as realizações africadas e fricativas, como: Amaral (1920), Silva Neto (1960), Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Palma (1980). Neste espaço trazemos esses apontamentos, pois são importantes para a compreensão do uso linguístico na comunidade quilombola em estudo.

Essas realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] são características do falar da comunidade em estudo, mas não estão restritas a ela. Amaral (1920, p. 22) registrou usos idênticos no dialeto caipira: “Ch e j palatais são explosivos, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglês (chief, majesty) e no italiano (cielo, genere)”. Conforme Silva Neto (1960), vários pesquisadores documentaram o som *tchê* no falar caipira de São Paulo, como Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920). Os pesquisadores citados interpretaram esse som como a conservação da antiga africada portuguesa.

Segundo Silva Neto, o cientista Francês Saint-Hilaire faz referência a esse som mostrando outra perspectiva em seus comentários sobre o português paulista-rural do primeiro quartel do século XIX:

Impressionou-me igualmente a semelhança de sua pronúncia com a dos verdadeiros indígenas. Como estes, não abriam quase a boca ao falar, elevaram pouco a voz e imprimiam nas palavras um som gutural. A forma pela qual pronunciavam o *ch* português era inteiramente indígena. Não era

nem *tch*, nem mesmo *ts*, mas um som, misto, molemente articulado”. (SILVA NETO, 1963, p. 230-231).

Julio Ribeiro (1881, *apud* SILVA NETO, 1960, p. 11) faz a seguinte observação: “os caipiras de São Paulo pronunciam *djente*, *djogo*. Os mesmos e também os minhotos e transmontanos dizem *tchapeo*, *tchave*”. Julio Ribeiro destaca que, naquela época, essas formas estavam presentes no falar do interior do Brasil entre os colonos portugueses do século XVI, decorrentes da permanência desses usos na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes, províncias de Portugal.

Na Gramática de Pereira (1919, *apud* SILVA NETO, 1960, p.11), consta a seguinte informação: “este novo fonema românico (x = ch), soava na Idade Média *tch*, valor que ainda conserva no Minho em Portugal, e em certas regiões do interior de São Paulo, no Brasil, onde se pronuncia *catchorro*, *catcha*, *tchapéo*”.

Silva Neto (1960, p. 231) ampliou essa área fonética até as zonas caipiras do Mato Grosso, mencionando as anotações do antropólogo brasileiro Roquete Pinto sobre o falar da região e os registros de *cotcho* por *cocho*, além da frase dita pelo antropólogo alemão Karl Von den Steinen: “eu atso (acho) bom”. Para o autor (1960, p. 72), a ocorrência dessas formas no Brasil seria explicável pela presença dos colonizadores vindos do Norte de Portugal, em que se registra o som *tchê*.

Conforme Silva Neto (1970), para a interpretação histórica dessas africadas do som *tchê* e *djê*, torna-se indispensável estabelecer a área geográfica de sua ocorrência e a respectiva base humana. A área geográfica se estenderia pelo interior de São Paulo, Mato Grosso e a faixa costeira do Paraná, área utilizada e definida pelos bandeirantes; já a base humana dessas regiões era constituída de caipiras descendentes de mamelucos, mestiços de homem branco e mulher índia.

Para Silva Neto, há duas explicações possíveis para o uso das africadas [tS]:

1. Nos séculos XVI e XVII usava-se *tš* em todo o território de Portugal. Nesse caso os colonizadores usavam a africada que, depois de existir no Português brasileiro nele se perdeu, à exceção de uma zona do Sul;
2. Nos séculos XVI e XVII Portugal dividia-se, como hoje, em duas áreas: uma, ao norte, em que se usava *tš*; outra em que a africada já se reduzira a *š*. Neste caso ambas as pronúncias teriam vindo para o Brasil, onde se generalizaria a segunda, que corresponde à pronúncia do sul, enquanto a primeira se teria confinado a uma zona do Brasil. É a hipótese mais provável. (SILVA NETO, 1970, p. 590)

Com referência ao Estado de Mato Grosso, Palma (1980) desenvolveu especificamente um estudo sobre o falar cuiabano, com o objetivo de verificar as possíveis mudanças linguísticas que vinham ocorrendo particularmente em Cuiabá.

Palma (1980) analisou opiniões de cuiabanos a respeito do modo de vida da região, enfatizando as bruscas mudanças que vinham se processando no Estado. Foram considerados dois grupos: (a) cuiabanos nativos e (b) pessoas vindas de outros estados. Foi estudado o uso das africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j], recorrente na fala dos cuiabanos nativos, que parecia estar em pleno processo de desaparecimento.

A pesquisadora confirmou a mudança em andamento no falar da comunidade: as consoantes africadas (surda e sonora) passam a fricativas (surda e sonora). Palma entrevistou um total de 20 informantes cuiabanos distribuídos em duas faixas etárias (20 a 40 anos e 45 a 80 anos), utilizando questionário que possibilitou o controle do comportamento linguístico. A pesquisadora considerou os fatores linguísticos e sociais como possíveis determinantes na variação no uso de africadas ou fricativas. Os fatores sociais se mostraram mais relevantes. Em relação ao fator escolaridade, os cuiabanos, com nível de escolaridade superior ou com 1º e 2º graus completos, vinham substituindo as consoantes africadas, estigmatizadas, pelas fricativas, de prestígio. Também o fator faixa etária se mostrou relevante: informantes da faixa etária jovem, do sexo feminino, vinham substituindo com grande frequência o traço cuiabano pelo traço de prestígio. Segundo Palma (2005), a influência dos fatores sociais prevê uma forte tendência ao desaparecimento dos traços estigmatizados.

Quanto aos fatores envolvimento emocional e acento de expressividade, os dados mostram que os falantes jovens e de nível de escolaridade mais elevado mostraram diferença entre o desempenho e a avaliação dos traços estigmatizados, que não admitiam manifestar.

Considerando os estudos mencionados, constatam-se que o uso das africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j], na comunidade quilombola *Campina de Pedra*, pode ser explicado pela conservação dos traços antigos da língua portuguesa trazida pelos colonizadores e que, nesta região, entrou em contato linguístico com outras línguas como as indígenas e africanas. Desse modo, confirmamos que a comunidade em estudo mantém esse uso que foi registrado por Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920), Macedo-Karim

(2012) e que Palma (1980/2005) constatou estar em processo de desaparecimento em Cuiabá.

2.3 Resultados rodados no goldvarb x: realizações africadas [tch] e [dj] versus fricativas [ch] e [j] no falar do quilombo Campina de Pedra

Para rodar os dados no programa estatístico *GoldVarb X* selecionamos a variável dependente, as realizações africadas [tch] e [dj] versus fricativas [ch] e [j], e as variáveis independentes; variáveis linguísticas: segmento antecedido por vogal, segmento antecedido por consoante, vocábulo monossílabo, vocábulo dissílabo, vocábulo com três ou mais sílabas. Selecionamos ainda as variáveis sociais: sexo (masculino e feminino); Faixas etárias (de 18 a 48 anos; e a partir dos 55 anos); Grau de escolaridade (Sem escolaridade, Ensino Fundamental, Ensino Médio).

A seguir apresentam-se os resultados do cruzamento da variável dependente e independentes no falar do Quilombo Campina de Pedra, por grupo de fatores.

Tabela 2: Realizações africadas [tch] e [dj] versus fricativas [ch] e [j] e os fatores condicionadores: segmento antecedido por vogal e por consoante

Fatores Condicionadores	Total de ocorrências: Africadas e percentual de uso	Total de ocorrências: Fricativas e percentual de uso	Total de ocorrências	Percentual %
Segmento antecedido por vogal	93 76.2%	29 23.8%	122	87.8%
Segmento antecedido por consoante	15 88.2%	2 11.8%	17	12.2%
Total	108 77.7%	31 22.3%	139	100%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados rodados no *GoldVarb X*.

Na tabela 2 temos os resultados obtidos no cruzamento das variáveis dependente e independente da primeira rodada do *GoldVarb X*. Do total de 139 dados, 108 ocorrências foram constatadas para o uso das africadas [tch] e [dj], equivalente a 77,7% de uso. Registramos ainda, o total de 62 ocorrências para o

uso das fricativas [ch] e [j], equivalente a 22.3%. Esses primeiros resultados mostram que o fator linguístico condicionador foi o segmento antecedido por vogal, o qual atingiu 87.8 % de uso para as africadas [tch] e [dj] e apenas 12.2 % para o uso das fricativas [ch] e [j] em estudo.

Tabela 3: Realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] e os fatores condicionadores: vocábulo monossilábico, dissilábico e com três ou mais sílabas

Fatores Condicionadores	Total de ocorrências de africadas e percentual de uso	Total de ocorrências de fricativas e percentual de uso	Total de ocorrências	Percentual %
Vocábulo monossilábico	14 93.3%	1 6.7%	15	10.8%
Vocábulo dissilábico	62 72.1%	24 27.9%	86	61.9%
Vocábulo com três ou mais sílabas	32 84.2%	6 15.8%	38	27.3%
Total	108 77.7%	31 22.3%	139	100%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados rodados no *GoldVarb X*.

Na tabela 3, apresentamos os resultados do cruzamento da variável dependente realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] e variáveis independentes: vocábulo monossilábico, vocábulo dissilábico, vocábulo com três ou mais sílabas.

O resultado total constatado é de 139 dados sendo 108 ocorrências registradas para o uso das africadas em estudo, o equivalente a 77.7 %. Para o uso das fricativas [ch] e [j] registramos 31 ocorrências, equivalente a 22.3%. Desses resultados, o mais significativo foi o registrado para o vocábulo dissilábico que atingiu um percentual total de uso de 61.9 % distribuídos em 62 ocorrências para africadas [tch] e [dj] que equivalem a 72.1% e 24 ocorrências para fricativas [ch] e [j] que significam 27.9%.

Esses resultados mostram que o vocábulo dissilábico condiciona o uso das africadas [tch] e [dj] no falar dos quilombolas, ou seja, o vocábulo dissilábico é o responsável pela implementação da regra desse uso no falar quilombola. Os demais fatores, vocábulo monossilábico e vocábulo com três ou mais sílabas

tiveram a seguinte atuação: 10.8 % para o primeiro fator e 27.3% para o segundo fator, ambos para o uso das africadas e fricativas em estudo.

Tabela 4: Realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] e os fatores extralinguísticos: sexo feminino e masculino

Fatores Condicionadores	Total de ocorrências africadas e percentual de uso	Total de ocorrências fricativas e percentual de uso	Total	Percentual %
Sexo feminino	94 94.0%	6 6.0%	100	71.9%
Sexo masculino	14 35.9%	25 64.1%	39	28.1%
Total	108 77.7%	31 22.3%	139	100%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados rodados no *GoldVarb X*.

Na tabela 4 temos os resultados do cruzamento da variável dependente realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] e da variável independente sexo, masculino e feminino. Do total de 139 ocorrências, registramos no falar masculino apenas 14 ocorrências, equivalente a 35.9 % para o uso das africadas [tch] e [dj] e 25 ocorrências para fricativas [ch] e [j] que equivalem a 65.1 % de uso. Observamos que no falar dos homens do quilombo prevaleceu o uso das fricativas.

Já no falar das mulheres foram registradas o total de 94 ocorrências para a regra de uso das africadas [tch] e [dj] equivalente a 94 % de uso. Esse resultado é significativo e mostra que as mulheres estão mantendo o uso das africadas [tch] e [dj] no falar do quilombo. Em relação às fricativas [ch] e [j] marcaram apenas seis ocorrências que equivalem a 6%.

Tabela 5: Realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] e o fator extralinguístico: faixa etária

Fator Condicionador: Faixa etária	Total de ocorrências africadas e percentual de uso	Total de ocorrências fricativas e percentual de uso	Total	Percentual %
De 18 a 48 anos	15 71.4%	6 28.6%	21	15.1%
A partir de 55 anos	93 78.8%	25 21.2%	118	84.9%
Total	108 77.7%	31 22.3%	139	100%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados rodados no *GoldVarb X*.

Na tabela 5 observamos os resultados do cruzamento da variável dependente, realizações africadas [tch] e [dj] *versus* [ch] e [j] e as variáveis independentes: faixa etária: de 18 a 48 anos e a partir dos 55 anos. Na primeira faixa etária registramos um total de 21 ocorrências sendo 15 ocorrências equivalentes a 71.4 % de uso das africadas [tch] e [dj] e apenas 6 ocorrências equivalentes a 28.6 % de fricativas [ch] e [j].

Já na segunda faixa etária registramos o total de 118 ocorrências, sendo 93 ocorrências equivalentes a 78.8% de uso das africadas [tch] e [dj] e 25 ocorrências equivalentes a 21.2 % de uso das fricativas [ch] e [j]. Esses resultados indicam aparentemente que os quilombolas da segunda faixa etária, considerados os mais velhos, são os que mantêm o uso das africadas [tch] e [dj] no falar do quilombo Campina de Pedra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tentar explicar os resultados das realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra, localizada na área rural da cidade de Poconé-MT, inferimos que vários fatores influenciam essa escolha. Assim consideramos os registros por Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920), Macedo-Karim (2012), Palma (1980/2005) e o total de 139 ocorrências constatadas para o uso das africadas [tch] e [dj] e fricativas [ch] e [j].

Concluimos que essas variantes em estudo mantêm uma forma antiga da língua portuguesa, ainda falada no Norte de Portugal. É importante salientar que

a conservação desses usos no falar da comunidade quilombola, talvez esteja vinculada aos fatores linguísticos: segmento antecedido por vogal, segmento antecedido por consoante, vocábulo monossilábico, vocábulo dissilábico, vocábulo com três ou mais sílabas, além de os fatores extralinguísticos, idade e sexo que provavelmente mantêm as realizações africadas [tch] e [dj] *versus* fricativas [ch] e [j] no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra como uma forma antiga da língua portuguesa, trazida pelos colonizadores bandeirantes da Região Norte de Portugal e que nesta região entraram em contato linguístico com o falar dos povos indígenas e africanos daquela época.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. *Comunicação e cultura: práticas cotidianas e construção da cidadania na comunidade quilombola Campina de Pedra, município de Poconé-MT*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2012.

AMARAL, Amadeu (1920). *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4^a. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982.

CINTRA, Geraldo. *Transcrição da fala corrente: teoria e observação*. Estudos linguísticos XXI – Anais de Seminários do GEL. Jaú: Fundação Educacional “Raul Bauab”, Vol. I. 1992, pp. 614-620.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4^a. ed. revisada pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009.

LABOV, William. (1972). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

MACEDO-KARIM, Jocineide. (2004). *A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT*. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.

_____. *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*. Tese de doutorado em Linguística. (2012). Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 4^a. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MENDES, Natalino, Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. 2. ed. Cáceres, MT: Editora da Unemat, 2009.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. (1980). *Varição fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. O falar cuiabano em Mato Grosso – Estigma, Status e Atalhos. IN: *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Orgs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. 2005. p. 139-165.

SANTOS, Ângela Maria & SILVA, João Bosco (Orgs.). *História e Cultura Negra: Quilombos em Mato Grosso*. Cuiabá: Gráfica Print Indústria e Editora LTDA/SEDUC, 2009.

SILVA NETO, Serafim da. *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

_____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Impr. Nacional, 1963.

_____. *História da língua portuguesa*. 2ª. ed. aumentada, Rio de Janeiro: Livros, 1970.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, A. C. S. de. (2015). *Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.